

BALEIA ORCA ENCALHADA

ILHA DE CABO FRIO, RJ – SETEMBRO:1981



“Loucura é crer que homens maus não fazem maldades”

Marcus Aurélius
Meditações



Os esforços para salvar a vida e o alento de resgatar a ossada para o museu

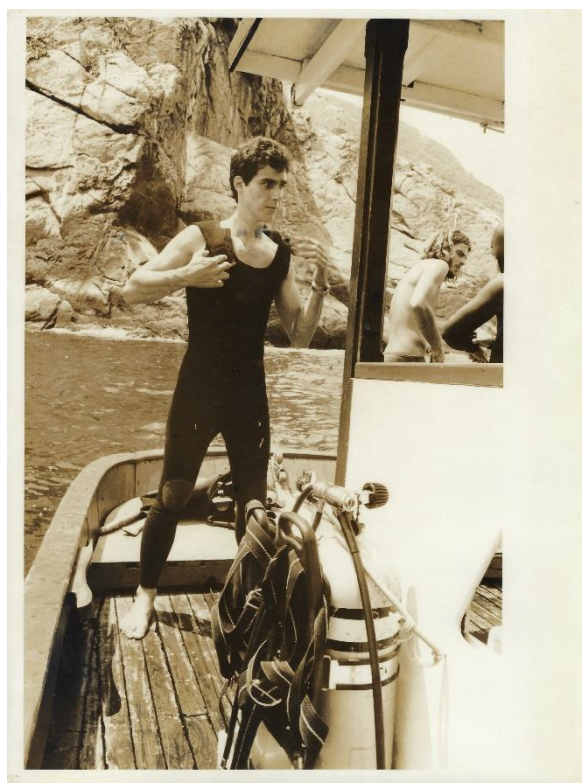


“SEJA COMO O PENHASCO
CONTRA O QUAL AS ONDAS
BATEM. PERMANEÇA
FIRME E DOME
A FÚRIA DA
ÁGUA AO
REDOR.”
MARCO AURÉLIO

RANDAL FONSECA

O DIA QUE FICOU NA NOSSA HISTÓRIA

Na manhã do dia 3 de setembro de 1981, nossa equipe de mergulho da AQUA-RIO CENTRO DE ATIVIDADES SUBAQUÁTICAS, com sede na cidade de Cabo Frio e base de apoio em Arraial do Cabo, RJ, estava pronta para iniciar as fainas costumeiras a bordo de nossa embarcação Mergulhão; traineira de 10 metros adaptada exclusivamente para apoio a atividades subaquáticas. Diariamente, bem cedinho, saímos impreterivelmente para o mar. Durante os mergulhos diários, nossa principal atribuição era coletar espécimes vivos para aquários marinhos e, paralelamente, fotografar particularidades submarinas, utilizadas em programa de Educação Ambiental. Como parte da rotina, além de todo equipamento mergulho, levávamos também o material de fotografia subaquática.



Ao embarcarmos na Praia dos Anjos encontramos com os pescadores da região e, como ocorria todas as manhãs, trocamos saudações e comentários sobre vento e condições do mar. Neste dia, porém, havia novidade. Uma baleia havia encalhado na praia da Ilha de Cabo Frio. A notícia dada pelo vigia das instalações do Projeto da Marinha na ilha, dizia: “a baleia está viva, encalhou nesta madrugada”. Embarcamos e rumamos para o local descrito do encalhe, imaginando que poderíamos documentar as tentativas de socorro. Havia também a possibilidade de fotografá-la dentro da água, no fundo, no caso de que o salvamento fosse bem-sucedido, uma vez que a visibilidade da água naquele dia estava por volta dos 20 metros. A temperatura ambiente marcava 22º C e o dia estava claro, sem nuvens. Trocamos ideias de como poderíamos conseguir as fotos, mas como nunca soubemos a respeito de baleias encalhadas, seria necessário chegar ao local para então obter uma avaliação consistente.

A BALEIA ESTÁ VIVA!

Ainda de longe, ao avistarmos a praia, não vimos nenhuma aglomeração de pessoas. Era possível que a baleia já houvesse sido desencalhada. Porém, ao nos aproximarmos, pudemos ver melhor e

RANDAL FONSECA

lá estava a baleia na areia; era uma ORCA. Uma baleia orca em Cabo Frio! Incrível! Não havia registro de orcas na região do Cabo Frio.

É importante reiterar que Cabo Frio foi durante algum tempo uma estação baleeira. A sede do Projeto de Pesquisa Paulo Moreira da Silva, da Marinha do Brasil, utilizava como sede as antigas instalações da Estação Taiyo, onde há 30 anos eram cortadas as baleias capturadas. Quase extintas, as baleias desapareceram das águas de Cabo Frio e, que se tenha notícias, raramente uma ou outra é avistada passando por fora da Ilha de Cabo Frio.

ORCINUS ORCA (baleia assassina)

Assim denominada em 1758, essas baleias são agora bem-conhecidas, devido ao fato de se adaptarem com bastante êxito aos treinos de adestramento para shows aquáticos. As orcas pertencem a família dos golfinhos. São na realidade os maiores golfinhos e se distinguem tanto pelas dimensões como pelo seu porte elegante e delineações harmônicas na pele, por pigmentos negros claramente separados do branco da região abdominal. O dorso negro apresenta apenas uma pequena extensão de branco na região lateral, logo atrás do olho. Outra característica marcante é sua proeminente nadadeira dorsal, que nos machos são bem maiores que nas fêmeas, chegando a atingir em alguns casos 1,80 metros de altura. A crença de que esta nadadeira possua a função de cortar e abrir suas vítimas em dois é pura lenda. As nadadeiras peitorais, também grandes, têm uma forma arredondada e achatada e a nadadeira caudal é de tamanho moderado.



As fêmeas são normalmente menores que os machos que, por sua vez, podem medir até nove metros e pesar cerca de oito toneladas. Não possuem bicos, e os lábios são quase imperceptíveis. A conformação do corpo mostra uma perfeita curva convexa que vai da boca até a nadadeira caudal, quebrada apenas pela proeminente nadadeira dorsal. Está armada com doze dentes cônicos afiados e inclinados para dentro e para fora. Quando fecha a boca os dentes formam um encaixe eficiente para prender e cortar. Existem registros de orcas enterradas em cavernas pré-históricas, o que demonstra ser seu envolvimento com humanos bastante antigo. Sabe-se que foram os romanos as denominar como Orca, que significa “Demônio do Mar”. A orca ocorre em todos os oceanos, mas são mais comuns na Antártica e no Leste do Pacífico. Diferentemente de outros mamíferos, as orcas não ficam confinadas em áreas demarcadas. São encontrados indivíduos solitários nadando livremente pelos diferentes hemisférios, quase sempre em águas

RANDAL FONSECA

frias. Esse animal pode desenvolver velocidades de até 30 nós. Possuem habilidade para, com um forte movimento de cauda, tirarem o corpo todo para fora d'água, podendo manter-se momentaneamente sobre a água. Após algumas rápidas respiradas elas podem permanecer submersas por períodos de até 30 minutos. A orca possui um apetite voraz e em sua dieta preferida estão outros cetáceos, pinípedes e pinguins, como também peixes e lulas fazem parte de sua alimentação. As vítimas podem ser engolidas inteiras e quando são muito grandes poderão ser despedaçadas. Nem mesmo tubarões se livram de virar alimento de orca e, ao que parece, esses esqualos são apreciados por elas. As orcas normalmente se agrupam em números que podem ir de seis até cinquenta indivíduos. Estes grupos normalmente se constituem de um macho adulto, às vezes mais de um, fêmeas, adolescentes e jovens. São encontrados também grupos unissexuais, porém o significado disso é desconhecido. Os grupos costumam caçar de forma organizada, assim como os lobos. Observadores tiveram a oportunidade de vê-las cercando outras espécies de baleias em enseadas fechadas. Alguns indivíduos se posicionavam na saída impedindo a fuga, enquanto os outros atacavam assim que recebiam um sinal.

As orcas quando caçam provocam tal nível de pavor nas suas vítimas, a ponto de que cetáceos grandes ficam paralisados e flutuam de costas incapazes de resistirem aos ataques. Como os outros cetáceos, as orcas são dependentes de ondas sonoras e da audição para orientarem-se e comunicarem-se. Os filhotes normalmente nascem no outono, após um período de gestação de dezesseis meses. Alguns especialistas e autoridades não acreditam que exista rigidez quanto a estação do ano em que deverão nascer os bebês. Parece haver um compromisso social dentre os membros de um grupo. A mãe normalmente protege seus filhotes, porém, além disso, elas defendem colegas feridos ou doentes. Embora considerada feroz, raros são os relatos de humanos terem sido atacados por orcas. Ocasionalmente, talvez devido à curiosidade, elas possam ter atacado algum barco. Uma vez que não existem áreas delimitadas que as orcas obedçam é explicável de maneira genérica o aparecimento de orcas na costa brasileira. Nesta época do ano (setembro) é comum a ocorrência de animais marinhos em Cabo Frio, oriundos de regiões geladas. Mas até aquela data não havia registro de orca.

Aproximamos a nossa embarcação da praia e então pudemos ver que a orca estava completamente fora da água, deitada na areia. Apenas três pessoas estavam ao seu lado. Um tenente da Marinha (Daniel Benetti), um funcionário da SUDEPE. Paulo Hargreaves, (Superintendência do Desenvolvimento da Pesca) e um pesquisador do Projeto Almirante Paulo Moreira da Silva. Ferramos o barco e atravessamos a nado até a praia. A maré-baixa era a causa da distância que a baleia ficou das pequenas ondas que arrebatavam. As autoridades que logo cedo chegaram à ilha tinham em mãos um manual desenvolvido pela International Whale Commission (IWC), traduzido para o Português pelo oceanógrafo Dr. José Truda Palazzo Júnior, que explicava os procedimentos para cuidar de baleias encalhadas. Na verdade, pouco podia ser feito para devolvê-la ao mar. O ideal seria esperar pela maré-cheia, pois qualquer esforço aplicado sobre seu pesado corpo, mas extremamente delicado, poderia causar dano a coluna vertebral. A orca fêmea de aproximadamente cinco metros de comprimento com peso estimado em três a quatro toneladas estava apresentando dificuldade para respirar, numa frequência de duas vezes por minuto. Notamos na mandíbula pequenos arranhões que sangravam sem gravidade. Mas, milhares de diminutos tatuís tentavam penetrar através das fissuras, agravando o sangramento.

Sabíamos que a maré voltaria a encher às 14h30. O que significava um período de espera de seis horas. Conforme as instruções do manual da IWC, o corpo da baleia deveria ser umedecido continuamente para evitar que os raios de sol rachassem o couro. Também, umedecendo seria

RANDAL FONSECA

possível preservar a temperatura corporal. Além de tentar entrar no corpo da orca por meio das rachaduras no couro, os milhares de empedernidos tatuís buscavam invadir através dos orifícios naturais, como as mamas, vagina e olhos. Era imperativo manter os tatuís afastados, o que representava uma tarefa incessante.

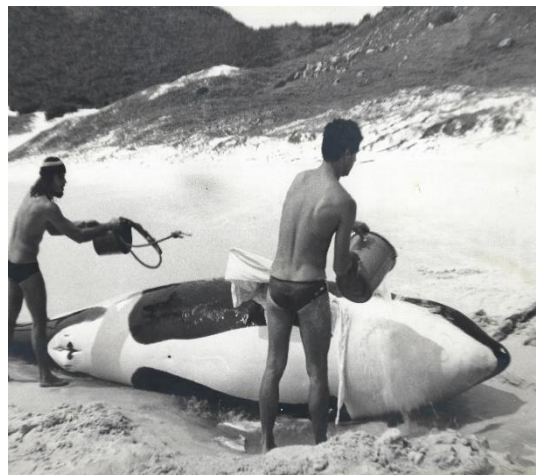
Uma das nadadeiras peitorais estava enterrada na areia. Segundo as informações do manual IWC, é por meio das nadadeiras que as baleias esfriam o corpo trocando calor com a água, sendo, portanto, essencial que fiquem expostas a água, mas neste caso, exposta ao ar. Algumas características que permitiam fazer um registro do indivíduo foram anotadas, como uma descoloração com curvas harmônica na região negra do dorso e uma falha acentuada na nadadeira caudal, dentes inferiores frontais gastos e uma falha no contorno da nadadeira peitoral. Esses detalhes permitiriam reconhecer este indivíduo algures, se viesse a ser liberado do encalhe. Esses dados de identificação são importantes para os estudos migratórios, conduzidos pelas autoridades no assunto de baleias.

PRIMEIRO TEMPO: VAMOS SALVAR A BALEIA

Não se podia perder tempo, era necessário colocar várias tarefas em andamento a fim de minimizar o sofrimento do animal, até que a maré voltasse a subir para a orca flutuar e nadar.



Randal e Marco Antônio e dois vigias do Projeto da Marinha



Randal e Marco Antônio a umedecer a Orca

Baldes d'água eram jogados sobre seu dorso e nadadeira para esfriar o corpo. O sol estava mais quente. Um lençol branco molhado foi colocado para manter o couro umedecido, evitando a rápida evaporação da água lançada. Os olhos eram o ponto mais vulnerável aos ataques do “enxame” dos pequeninos tatuís, principalmente o olho que estava mais próximo da areia, e que por conseguinte era o mais difícil de proteger. Cavamos um buraco por debaixo da orca para passar toras de madeira e afastar o corpo da orca da areia, diminuindo um pouco as vias de ataque dos diminutos crustáceos.

Percebemos que a cada intervalo de 1h30 minutos a orca emitia um som, como um “choro” melancólico, e logo a seguir iniciava uma série de espasmos seguidos de vômito. Ao examinarmos o material regurgitado identificamos um pedaço de couro de golfinho, que provavelmente deveria ter sido a sua última refeição.

RANDAL FONSECA

A enseada da Ilha de Cabo Frio é regularmente visitada por bando de golfinhos, levando a crer ter sido este o motivo pelo qual a baleia tenha se aproximado perigosamente da praia e encalhado. Em frente a esta praia há um grande banco de areia que deixa apenas cerca de um metro de lâmina d'água em alguns pontos, e essa condição pode ter contribuído para desorientá-la. Essas eram apenas suposições. Não se podia afirmar nada, apenas que o animal estava lá em agonia e dependia de nosso esforço para sair dali. As 15hs00 a maré enchente começou a atingi-la, o que facilitava o acúmulo de tatuís, uma vez que os buracos cavados na areia desapareciam cada vez que eram inundados.

A narina das baleias fica no dorso, portanto era necessário mover a orca sobre o abdômen para que pudesse respirar ao ser atingida pelas ondas, na medida em que a maré estava subindo. O peso do animal era demasiado para apenas seis pessoas conseguir mover. Com ajuda das ondas que já golpeavam, e aproveitando um instante bem-coordenado, e com muito cuidado, conseguimos colocá-la deitada sobre o ventre. Urra! Agora seria aguardar a maré encher, e vê-la nadar de volta ao seu habitat.



Sr. Paulo Hargreaves (SUDEPE)

Os filmes fotográficos e de Super 8, foram todos usados para documentar o trabalho e os detalhes individuais do animal. Após seis horas de espera a maré finalmente encheu de forma que a lâmina d'água alcançou o ponto máximo para aquela fase da lua. A constatação foi desanimadora.

Percebemos não haver profundidade suficiente para a baleia flutuar e nadar.

Já havia escurecido e, em 45 minutos, a maré voltaria baixar e a orca não conseguiria sair dali.

ALGUM ALENTO

As informações no Manual IWC reiteram que baleias são capazes de permanecerem encalhadas por dezenas de dias, desde que os procedimentos de umedecer, esfriar o corpo e proteger contra-ataques de crustáceos possam ser mantidos. Para isso o Manual IWC sugere que sejam organizadas equipes para trabalhar em turnos, com disponibilidade de recursos básicos, como água, alimento e abrigo. O trabalho que estávamos realizando produziu efeito pelo menos em relação a hemorragias nas rachaduras do couro, mamas, vagina e nos olhos que ficaram protegidos. A temperatura foi preservada e o corpo umedecido durante o dia todo. Ao anoitecer a temperatura na praia caiu drasticamente. A nossa equipe estava lá por mais de dez horas, sem

agasalhos ou qualquer tipo de alimento; nem um biscoito. Exaustos e sem nenhum recurso básico, percebemos que não haveria como continuar. Sem sol e com vento frio a soprar forte do quadrante leste, com fome e roupas molhadas, concluímos que algo teria que ser feito. A maré que não alcançara altura suficiente para liberar a baleia, já começara a baixar. Como derradeira tentativa, amarramos alguns cabos para arrastar a orca em direção ao mar usando a tração do nosso barco. A embarcação que dava apoio aos funcionários do Projeto de Pesquisa da Marinha surgiu do outro lado da enseada que a ilha forma com a ponta do Atalaia. Resolvemos esperá-la por ter muito mais potência de motor. Os cabos dessa embarcação da Marinha eram bem mais calibrosos que os nossos e auxiliariam a tracionar sem ferir a baleia. Os cabos do nosso barco eram mais finos e precisariam ser encapados com lona para prevenir cortar o couro. A bordo do barco da Marinha vieram mais quatro pessoas (dois casais).

O vento, além de não dar trégua aumentou de intensidade tornando a operação ainda mais difícil. Os cabos navais da embarcação da Marinha não eram longos suficiente para chegar até a praia, visto ser necessário manter distância de segurança devido à força do vento que ameaçava encalhar as embarcações. Cada minuto contava, considerando que a noite já caía rapidamente e não havia luzes, mas escuridão quase total. O cabo lançado teve que ser recolhido e emendado a outro para cobrir a distância. A operação foi repetida, mas devido a exiguidade de tempo, a ansiedade contagiava os ajudantes menos preparados para operações inéditas como a que estávamos a fazer em condições adversas. A intensidade do vento aumentava e elevava as ondulações que vinham em direção à praia, golpeando o dorso da orca, que além de dificultar fazer as laçadas para ajustar as amarras, empurrava a baleia ainda mais para cima da praia.

CONSIDERAÇÕES

A consciência do tipo de desafio que estávamos assumindo não foi omitida. A orca é um animal grande, forte e estranho a região. Não tínhamos ideia do porquê de ter ocorrido o encalhe, e não conseguíamos projetar o que poderia ocorrer após desencalhar. Se tudo corresse perfeitamente a baleia nadaria para fora da enseada, mas também considerávamos a possibilidade de os procedimentos causarem lesão e, como resposta, ela poderia se voltar contra as duas embarcações que estando em paralelo tinham manobrabilidade limitadíssima por estarem perigosamente próximas à praia, sujeitas ao vento forte e cabos dentro da água. Havia ainda a hipótese de a orca não ir embora e, ao ficar livre nadando dentro da enseada, causar algum dano às frágeis canoas dos pescadores nativos que logo na manhã seguinte estariam cruzando a enseada. A situação envolvia alguma “afobação”, devido ao avançado da hora, da escuridão, do vento forte, da inexperiência e falta de recursos especiais para desencalhe de baleia. Mas estávamos no ponto crítico da possibilidade de obter êxito na faina que já durava mais de doze horas. Pressentíamos que se não lográssemos movê-la para a água com a maré no nível que estava, seria quase certo que durante a noite, com a baixa da maré, os tatuís fizessem estragos irreparáveis. Durante todas as ações que fizemos a orca permanecida imóvel. Os únicos movimentos resumiam-se aos espasmos no intervalo mencionado. A narina estava na posição correta, fora d'água, a cabeça virada para a praia, nadadeira caudal dentro d'água. Os cabos foram lançados e ajustados ao redor da cabeça. A operação previa arrastar mantendo sempre a cauda voltada para dentro d'água. Os movimentos de tração deveriam ser cautelosos, para isso a comunicação entre o maquinista da embarcação da Marinha e o pessoal na areia deveria ser por sinais. A bordo da embarcação da Marinha estavam três homens responsáveis por uma carga que deveria ser transportada para Arraial do Cabo. Esses homens demonstravam visível irritação por terem sido cooptados por nós para se envolverem naquela faina insólita. Reiteradamente

reclamavam do tempo que estavam gastando com algo que não lhes era atribuição. Explicavam que o horário de trabalho como funcionários públicos da Marinha já havia esgotado. Após sair dali e cruzar a enseada, eles ainda teriam que descarregar a carga no porto de Arraial do Cabo. Devido ao ruído do vento, essas explicações eram dadas aos gritos e isso aumentava as tensões e o nervosismo do maquinista da Marinha. Em vez de aguardar o comando, o maquinista subitamente decidiu avançar e em um golpe com o acelerador do motor, fez a embarcação arrancar de forma abrupta. Sem controle dos movimentos sutis necessários a mover de forma alinhada o corpo da baleia para dentro da água, o que se sucedeu foi desastroso. Perdemos todo o controle da minuciosa condição que planejáramos. Com o tranco, o cabresto ao redor da cabeça escapou. Os cabos ficaram soltos e foram recolhidos pelos auxiliares do navio da Marinha. Aqueles homens desistiram. Para eles a faina havia encerrado e rumaram para Arraial do Cabo.

Ficamos desolados. A operação falhara. Era o final de um dia de esforços que, de forma impressionante, ao ficarmos com ar de desânimo, a orca pareceu entender o que estava a suceder. Supreendentemente aquela baleia se deu conta da condição. Percebeu que era o final. Entendeu de alguma forma que aquela equipe que havia estado ao seu lado durante todo o dia ia partir. Neste instante aquele animal ergueu o corpo todo para fora da fina lâmina de água em que estava imersa com um ato estravagante que parecia ser um apelo. Um espetáculo de entristecer – algo terrível de se testemunhar e tentar descrever. Um desespero. As golfadas de vômitos que durante o dia foram espaçadas, agora lhe saíam pela boca em jorros contínuos. Os sons que emitia eram agudos, grunhidos de choro, de angústia. O corpo erguido estremecia e, de súbito virou para o lado e se deitou com a narina enfiada dentro da água. Olhamos para o barco da Marinha que se afastava e sentimos profundamente o que aquilo significava. A intensidade do vento aumentou naquele momento, produzindo rajadas que levantavam a areia em forma de açoites. Era noite. Sem luzes e fadigados recolhemos o material espalhado na praia. Um dos membros da nossa equipe de mergulhadores passou perto da orca, que de súbito desferiu nele uma densa golfada de vômito. O jato pastoso acertou-o precisamente, cobrindo-o de cima abaixo de gosma com odor fétido. O cheiro azedo ficou impregnado no homem mesmo após ele entrar no mar para esfregar a goma; o odor do vômito viscoso ficou impregnado nele até o dia seguinte.

Ao navegar de volta a Arraial do Cabo, pudemos de longe ver o barco da Marinha cruzar o banco de areia que fica entre a Ilha de Cabo Frio, onde estivéramos todo o dia, e o Porto de Arraial do Cabo. Pudemos perceber que não seria seguro seguir a esteira deles para fazermos aquela travessia com o vento pelo través, e então, decidimos contornar o baixio do Maramutá, indo pela Pedra Vermelha, até encontrar condição de receber o vento pela popa. Um percurso mais longo, mas seguro. A sensação de derrota estava presente entre nós. Não dá para descrever esse sentimento de perda, de impotência diante do que sabíamos que ocorreria naquela noite. Não pudemos salvar a vida da orca. A ineficácia dos meios que dispúnhamos e o despreparo produziu na equipe um sentimento de inconformismo e sensação de culpa.

O DIA SEGUINTE

No outro dia, logo cedo ao chegarmos à Praia dos Anjos, ficamos sabendo pelo tenente Benetti que o vigia das instalações na ilha, do Projeto de Maremotriz da Marinha, informara pelo rádio que a orca havia morrido afogada. Entendemos perfeitamente. Infelizmente as nossas suposições estavam corretas. O movimento brusco ao nos ver partir selara sua sentença de morte.

REPORTAGENS

Naquela manhã de sexta-feira 4 de setembro, um repórter e um fotógrafo do jornal **O Globo**, vindos do Rio de Janeiro, chegaram à nossa casa em Arraial do Cabo para obter mais informações sobre o episódio do encalhe. Entendemos terem sido nossos amigos do (SINTASA) Sindicato do Mergulho, na Urca, RJ, que repassaram a informação aos jornalistas. Os repórteres vieram colher informações adicionais para divulgar o ocorrido. Retornamos então à nossa casa para atendê-los. O recorte da primeira página do jornal do sábado dia 5, abaixo, contém a matéria publicada.

PRIMEIRA PÁGINA DO JORNAL "O GLOBO" EM 5 DE SETEMBRO DE 1981

Orca chora e morre após luta de 12 horas

Foram inúteis todos os esforços de uma equipe de salvamento para tentar desencilhar uma orca ("baleia assassina") de seis metros e cinco toneladas que encalhou em Cabo Frio. Depois de 12 horas, sentindo-se abandonada pela equipe, ela chorou e se debateu, terminando por morrer afogada, ao virar de lado e ficar com a narina sob a água, durante a noite. (Página 9)



A IDEIA: COLOCAR A ORCA EM UM MUSEU

Dividimos a nossa equipe para podermos dar continuidade à nossa sugestão de salvar a ossada da orca para exibir no museu que a Marinha estava construindo em Arraial do Cabo. Este seria um empreendimento extraordinário que sugerimos, considerando-se ser a única ocorrência de orca encalhada na costa do Brasil. O tenente da Marinha (Daniel Benetti) acatou a nossa ideia e sugeriu obter ajuda de pessoal especialista na dissecação de carcaças, para que o descarte não afetasse a ossada. O tenente Benetti entrou em contato com ex-funcionários da Taiyo, empresa que no passado (1930 – 1960) explorara a pesca de baleias no Arraial do Cabo. Essa proposta vinha de alguma forma compensar a perda da vida da orca.



Armação Taiyo: Praia dos Anjos, Arraial do Cabo, 1960

SEGUNDO TEMPO: O DESCARNE DA BALEIA

Abandonamos nossas rotinas profissionais de mergulhadores para integrar o grupo-tarefa que faria o descarne. Três antigos funcionários da Taiyo foram localizados. Pessoal da equipe do Projeto Almirante Paulo Moreira da Silva se apresentaram para ajudar. Percebemos que havia certa animosidade em relação à nossa participação na faina de descarne. Não sabíamos o porquê. No entanto, uma oportunidade “milagrosa” surgiu quando o comandante da Base da Marinha não autorizou o uso do pequeno navio de serviços para transportar a equipe organizada pelo tenente Benetti, que agora incluía também os repórteres do jornal O Globo. Então seria necessário utilizar a nossa embarcação, o Mergulhão da AQUA-RIO.

Os preparativos para embarque foram logo concluídos na primeira metade do dia. Saímos do Porto dos pescadores de Arraial do Cabo rumo à Ilha de Cabo Frio com dezoito pessoas a bordo. Durante o percurso o tenente Daniel Benetti se deu conta de não ter incluído na lista de preparativos uma lata de tinta para marcar e enumerar os ossos, de forma a facilitar o trabalho de montagem do esqueleto no museu. Contudo, isso era muita presunção. Muito ainda haveria de ser feito antes de esse dia chegar. Concluímos que não seria necessário estar preocupado com esse detalhe antes de se conseguir literalmente limpar totalmente os ossos.

Durante a travessia de Arraial do Cabo para a Ilha de Cabo Frio cruzamos, no rumo contrário, com o pequeno navio da Marinha que já estava a retornar da operação que impedira de transportar a equipe de dissecação e jornalistas. Um detalhe chamou-nos atenção em relação as pessoas que estavam a bordo da embarcação da Marinha: era um grupo de mergulhadores.

DE VOLTA À ILHA

Chegamos à Ilha de Cabo Frio às 13h30, o desembarque das pessoas e dos equipamentos e víveres foi tranquilo. A ventania de Leste que no dia anterior açoitara fortemente a praia, agora estava suave, com indícios de que o vento Sudoeste entraria a qualquer momento. Do local de desembarque era possível avistar a baleia na areia; a cabeça voltada para o mar, na mesma posição que a deixamos na noite anterior. Os ex-funcionários da Taiyo foram os primeiros a desembarcar; a seguir foram os repórteres de O Globo, e então, a nossa tripulação. Fundeamos o barco (Mergulhão) na ponta sul da praia, que era o local mais abrigado.

EX-FUNCIONÁRIOS DA TAIYO

Com admirável habilidade os ex-funcionários da Taiyo logo iniciaram o descarne. Os cortes que aplicavam eram firmes, certos e atingiam camadas profundas. O couro preto e branco da orca foi sendo seccionado e rapidamente afastado, expondo as fibras musculares que exibiam um tom vermelho vivo. Logo as vísceras também ficaram expostas. Um sentimento de pesar abateu-se sobre nós da AQUA-RIO, pois na noite anterior fomos os últimos a deixar a baleia em agonia, e fomos os únicos a testemunhar aquela reação de estertor tão singularmente “humana”, manifestada por um mamífero marinho.

A cada corte profundo os órgãos iam sendo removidos das entranhas em meio a intensa hemorragia. Supreendentemente o sangue que jorrava ainda estava quente. Os profissionais de dissecação explicaram que a baleia morreu afogada durante a maré-cheia, mas seu corpo tem um isolamento térmico eficiente que permite aos cetáceos habitarem regiões de águas geladas. Por outro lado, essa camada de proteção contra perda de calor corporal preserva o sangue quente por longos períodos após o animal morrer. O sangue de cor rublo intensa tingia a areia muito branca da praia. A cada corte aplicado mais sangue corria para o mar, tingindo também a água

RANDAL FONSECA

cristalina. Sem dúvida um espetáculo chocante, ultrajante, na medida em que centenas de gaiivotas ataçadas e urubus audaciosos se aproximavam, atraídos pelo cheiro forte. Muito forte. Intenso. Nauseabundo. Impossível de descrever. Os pedaços de carne bem aparados foram sendo depositados na areia, arrumados profissionalmente sobre a grossa camada de couro e gordura. O pessoal da Taiyo planejava repartir a carne entre os pescadores da região, pois entedia ser, como para os japoneses, uma especiaria.

Após 90 minutos de trabalho exemplarmente competente, os ex-funcionários da Taiyo comunicaram que a função deles era apenas demonstrar como dissecar, e que esse compromisso já estava cumprido, e, portanto, davam como encerrada a tarefa. Essa condição não havia ficado explícita quando o tenente Benetti os arregimentou. Os homens reiteradamente explicaram ter concordado em vir apenas para explicar e demonstrar detalhes de como descarnar a baleia e de como aproveitar a carne, protegendo e selecionando os ossos. Os três largaram os facões ao lado da baleia e solicitaram que a embarcação os conduzisse de volta ao porto de Arraial do Cabo. O nosso barco os transportou de volta juntamente com os repórteres do Globo.

Sem ajuda desses profissionais o processo de descarne ficou muito mais lento. E não só isso, porque logo os demais ajudantes que compunham a comitiva formada pelo tenente Benetti anunciaram não “terem estômago” para continuar com aquele trabalho fétido. O cheiro que exalava das vísceras era realmente forte, pestilento, mesmo colocando a camisa diante da face. Os homens tinham ânsias de vômito ao lado da carcaça, procuravam ficar posicionados com o vento soprando-lhes pelas costas, para afastar as moscas e diminuir a inalação dos gases viscerais. Um atrás do outro se levantavam e mudavam de posição, ou iam em direção ao mar para lavar o vômito involuntário que lhes surdia da boca. Isso enfraquecia gravemente o moral da equipe.

Duas horas após o início do descarne apenas cinco pessoas continuavam a trabalhar. Infelizmente o vento que golpeará na noite anterior agora estava fraco, mas com o avançar das horas deu lugar a rajadas rápidas e geladas, soprando do quadrante sul. A maré estava subindo e começava a alcançar a cabeça da baleia, dificultando consideravelmente o trabalho.

A água fria, o vento forte e gelado e o cheiro visceral nauseabundo formavam um conjunto empenhado a castigar os que insistiam em continuar a recortar a baleia. Os cinco remanescentes dos dezoito que lá haviam chegado, não tinham qualquer experiência. Os facões ficaram sem gume, pois a areia grudada na carne cegava as lâminas, somando mais essa adversidade ao conjunto malfazejo.

FATOR MOTIVACIONAL

O compromisso era levar a ossada da orca para ficar exposta no museu que a Marinha estava a construir em Arraial do Cabo. Essa era a motivação que nos impelia a continuar no suplício. Sim era uma condição insana. A tarefa mórbida que estávamos cumprindo estava relacionada com a proposta de salvar a ossada e, como a faina do descarne já havia sido iniciada, havia agora o risco de se perder a ossada se a missão fosse interrompida. As rapinas iriam destruir a estrutura da baleia, os ossos menores seriam levados algures. Deixar que isso acontecesse não era uma opção. Já havíamos falhado em salvar a vida da baleia e agora estávamos bem perto de falhar em salvar a ossada. O processo de recorte havia chegado a um ponto crucial. Era necessário remover-se as vísceras incrivelmente fedorentas. Cada naco de carne retalhado pesava consideravelmente e precisava ser transportado para longe do mar, empilhados da forma como ensinaram os ex-funcionários da Taiyo. As vísceras não podiam ser seccionadas, para evitar agravar ainda mais o

RANDAL FONSECA

fedor que já era insuportável. Se os pedaços de carne eram demasiadamente pesados para carregar com as mãos, então as vísceras intactas, molengas e viscosas eram um drama à parte.

NADA É IMPOSSÍVEL

“Nada de desgosto, nem de desânimo; se acabas de fracassar, recomeça”. Marcus Aurelius

Pareceu-nos melhor virar a baleia, sobre a área descarnada e reiniciar a dissecação pela lateral oposta, ainda coberta pelo couro. Chamamos ajuda dos observadores empedernidos que haviam subido a montanha para ficarem afastados do assombro. Mesmo com a ajuda desses homens, não conseguimos virar a baleia. A ideia não deu resultado. Também não conseguíamos picotar as vísceras para removê-las do interior da carcaça para alcançar a lateral oposta. Literalmente tivemos que entrar dentro da baleia, obviamente sem aludir a Jonas. Com as camisas diante da face a bloquear a respiração, tiramos coragem sabe-se lá de onde para continuar a operação radicalmente desarrazoada. Como tresloucados, pouco a pouco, fomos removendo as vísceras.

A NOITE CHEGOU

A noite caía rapidamente, o vento sudoeste apertou ainda mais, e as ondas aumentaram. O pequeno navio da Marinha apareceu na enseada e recolheu os observadores que haviam sido abatidos pelo trabalho nefasto. Ficamos apenas nós, mergulhadores da AQUA-RIO. O tenente Benetti pediu desculpas por ele também nos abandonar e agradeceu a nossa colaboração. Combinamos de encontrar mais tarde em nossa casa com ele e com os repórteres. A noite se fez totalmente e com a escuridão já não era possível continuar. Avaliando o resultado do dia de trabalho concluímos que rendera pouco em relação ao que havíamos pensado conseguir. A tarefa era árdua, difícil, exaustiva, complicada, pesada e fustigante; fétida acima de tudo. Em síntese impossível de suportar. E em resumo, com tudo o que havia sido feito, nenhum osso tinha sido alcançado. As fibras musculares, os tendões e ligamentos eram extremamente resistentes. Não era possível seccionar usando apenas aqueles facões cegos. Encontramos uma pedra lisa com a qual tentávamos melhorar o fio das lâminas, mas sem sucesso. Recolhemos todo o material espalhado. A alternativa era encerrar e voltar no dia seguinte. Percebemos que a maré alcançaria a baleia quando estivesse no nível mais alto. Tentamos então puxá-la mais para cima da praia. Nada. Não moveu um só centímetro. Fincamos então uma tora de madeira na areia acima da praia e amarramos a cauda de forma a ancorar a carcaça para que, pelo menos, a maré não a levasse para dentro do mar.

DE VOLTA A ARRAIAL DO CABO

Embarcamos no Mergulhão às 20h00 e chegamos à casa com tranquilidade, mas muito fedidos. Conforme combinado, às 21h30 o tenente Benetti com sua esposa, o Sr. Hargreaves e os repórteres de O Globo chegaram. Os repórteres solicitaram o direito de fazer algumas perguntas ácidas sobre o episódio que estávamos vivendo. Tal como, “por que a faina estava basicamente sendo assumida pelo grupo de mergulhadores de uma empresa e não pela Marinha? Sem dar resposta direta, o tenente Benetti se propôs a exibir alguns slides. Sem discussão todos concordaram ser oportuno projetar as imagens. Ao final da apresentação de slides sentimos ter sido uma solução eloquente, pois percebemos haver uma sinergia de esforços, uma determinação que não deixava lugar para mágoas. Um processo direto, sem reticências, com a firme determinação de se conduzir a termo aquela tarefa incomum, sem fins pecuniários, mas apenas com um regozijo sensível de estarmos a participar de uma proposta sem dúvida insana, difícil, e audaciosa de perpetuar a passagem da orca na região: um evento singular. Sentíamos que se os

RANDAL FONSECA

ossos da orca chegassem ao museu e ficassem expostos, teríamos logrado um marco importante da cooperação de pessoas abnegadas, dispostas a deixar um legado de valor inestimável.

Antes de despedirmos, trouxemos um ponto crítico a ser elucidado em relação à segurança da carcaça. O fim de semana prolongado da Semana da Pátria iniciaria já no dia seguinte, ou seja, no sábado dia 5 de setembro. O tenente Benetti nos tranquilizou ao confirmar que o vigia da Estação do Projeto Maremotriz na Ilha de Cabo Frio estaria de serviço a cuidar da carcaça, com ordens de não permitir a presença de curiosos.

SÁBADO DIA 05/09/1981

A nossa atividade de mergulho AQUA-RIO é imperativa nos finais de semana e feriados prolongados. Isso significou não ser possível para nós do mergulho continuar a dissecar a baleia nos dias que se seguiriam, pois estaríamos a atender nossos clientes mergulhadores que nos feriados comparecem a Cabo Frio em busca de lazer náutico e subaquático.



Neste sábado, dia 5 de setembro de 1981, o jornal O Globo publicou na primeira página a notícia da orca encalhada, aguçando a curiosidade geral e principalmente das pessoas que visitam a região dos lagos. Uma baleia encalhada é um evento e, principalmente ao se tratar de uma orca conhecida pelo filme que havia feito sucesso, com o título “Orca, a baleia assassina”.

A preocupação foi intensa ao pensarmos sobre o que poderia acontecer se turistas motivados pela curiosidade desembarcassem na ilha e causassem algum dano aos restos do animal que tentamos preservar. Fatores que nos acalentavam eram o vento forte e o frio que colaboraram para aumentar o tamanho das ondas na praia da ilha e a dificultar o desembarque. Isso foi bom no sábado, mas já no domingo não tivemos a mesma sorte. Uma embarcação de pesca da Praia dos Anjos foi alugada por um casal de turistas que, com isso, chegou até a ilha de Cabo Frio. Como dito pelo tenente Benetti, “o vigia do Projeto de Pesquisa da Marinha estava instruído a não permitir qualquer pessoa de se aproximar da carcaça”, mas esses turistas não respeitaram a ordem do vigia e, com um pedaço de pau golpearam os dentes da baleia para removê-los e levá-los como souvenirs. Restava tentar entender para quê. Qual a finalidade? Não foi possível entender essa atitude. A situação ficou ainda mais grave quando conseguimos identificar as pessoas que cometeram a atrocidade. Foi um jornalista e sua esposa, ambos mergulhadores consagrados (que prefiro omitir os nomes). O homem era proprietário e editor da principal, ou

RANDAL FONSECA

talvez, a única revista no Brasil especializada em mergulho. Havia outro detalhe que não conseguíamos explicação racional; como era possível que pescadores acostumados por décadas a comer carne de baleias capturadas pela Taiyo não quisessem nem chegar perto da orca. Obtivemos a resposta quando nos disseram que a rejeição estava relacionada aos dentes da baleia. Era a primeira vez que essas pessoas do mar de Arraial do Cabo viram uma baleia com dentes. As baleias que eram processadas pela Taiyo eram da espécie mysticetos, ou seja, que filtram o alimento retirado do mar, como o krill, enquanto a Orca é do grupo de baleias odontoceti, que têm dentes. De acordo com a cultura, os dentes da orca produziram um antagonismo hermenêutico: despertar atração e cobiça na gente da terra, enquanto causava abominação e renúncia a gente do mar. Coisas das culturas a serem estudadas: mais uma contribuição da Orca-morta.

A PROTEÇÃO IMPROVISADA

Na segunda-feira, quando soubemos das agressões fomos até a ilha e fincamos na areia uma barreira com paus e cordas para fazer um cordão de isolamento, mesmo que precário, mas que daria aos vigias do Projeto da Marinha uma demarcação física para que os invasores assanhados respeitassem a voz de comando. Durante a operação de demarcar uma área de exclusão sentimos que o cheiro nauseabundo alcançara níveis inomináveis, ou seja, seria necessário um neologismo para descrever aquele fedor. Nenhum vocábulo existente pode expressar a intensidade do fedor.

O TENENTE BIÓLOGO

Durante o fim de semana tivemos em contato com o tenente Daniel Benetti. Na oportunidade ele nos comunicou que iria nos apresentar ao tenente Israel Castelo Branco, com especialização em biologia, que ficaria responsável pela estruturação do museu. O tenente Benetti informou também que o tenente Israel iria integrar esforços com a equipe de mergulhadores da AQUA-RIO. Como primeiro passo, o tenente Israel viajaria ao Rio de Janeiro, na terça-feira dia 8 de setembro, a fim de obter instruções científicas repassadas pelas autoridades que estudam os cetáceos. Percebemos que a proposta de descarnar a orca e levar os ossos para o museu estava a tomar uma direção oficial para seguirmos com as operações.

NEM OS URUBUS

A pressuposição de que contaríamos com os urubus e gaivotas para auxiliar no descarne foi muita presunção de nossa parte, pois de pouco ou nada adiantou. Era muita carniça para pouca rapinagem. A carcaça continuava na beira do mar ao sabor das ondas que a cada maré-alta a alcançava. Estava exatamente na mesma posição onde a tínhamos deixado há quatro dias. A fase da lua (quatro-crescente) estava mudando para Lua Cheia o que significava ter as marés de sizígia alcançando os níveis mais altos naquela estação do ano. Com a arrebentação constante de ondas, era possível que ocorresse danos não só físicos, mas principalmente de contaminação dos ossos. Isso implicaria em comprometer a higidez óssea e termos o esqueleto irremediavelmente perdido para exibição pública. Ao final do dia da quarta-feira, o tenente Israel retornou do Rio de Janeiro e veio a ter conosco em nossa casa. Ele havia, como planejara, obtido instruções importantes e, uma delas sobressaia, pois tratava-se exatamente da contaminação pela água do mar. O tenente Israel trouxe a confirmação técnica de que o sal marinho provoca efetivamente perda da consistência óssea, tornando o esqueleto poroso e quebradiço. Outro motivo para afastar a baleia da beira do mar estava relacionado ao assédio de turistas que insistiam em obter autorização para visitar a praia e ver a baleia. Essa preocupação tinha um lado bom, pois a curiosidade das

peças comuns em querer ver a baleia justificava os esforços para levar a orca ao museu. Então a melhor solução para sanar as duas ameaças era enterrar a carcaça o mais rápido possível.

Além das instruções sobre as precauções de proteção, o tenente Israel obteve anuência para contar com a ajuda de profissionais especializados em taxidermia, para montar o esqueleto após ser desenterrado. A taxidermia é uma arte. Cada osso deve estar completamente limpo e precisa ser perfurado de forma a passar arames finíssimos para unir as articulações. O tenente Israel foi convidado a participar de um curso no Museu Nacional para receber autorização e orientações adicionais dos técnicos em taxidermia, uma vez que a estadia prolongada dos taxidermistas em Arraial do Cabo seria improvável devido aos custos que isso representaria.

TERCEIRO TEMPO: TENTATIVA DE ENTERRAR

O procedimento mais seguro e correto para enterrar, seria envolver os despojos em um saco de nylon a ser produzido com tela de mosquiteiro costurada para preservar todos os ossinhos. A seguir, o pacote seria tracionado para a parte mais elevada da praia onde seria enterrado de forma a ficar completamente fora do alcance das marés mais altas. Uma tela de nylon é bem resistente ao tempo e a salinidade, podendo ficar enterrada por longos períodos sem deteriorar, e permitindo que os microrganismos fizessem o trabalho de decompor o tecido muscular e cartilaginoso. A princípio os técnicos calcularam que seriam necessários seis a sete meses para restarem somente os ossos dentro do saco de nylon que improvisaríamos. O tenente Israel teria assim o tempo necessário para aprender as técnicas de limpar, preparar e montar o esqueleto. Esse treino seria da maior importância, pois o tenente Israel sendo responsável pela obra estrutural do museu, teria também oportunidade para reconstruir esqueletos de outras espécies de mamíferos marinhos que viessem a morrer na região do Cabo Frio.

OS PASSOS PARA INUMAÇÃO

Encontramos com o pessoal do Projeto da Marinha na tarde da quarta-feira, dia 9 de setembro de 1981, e combinamos os preparativos necessários ao enterro. As dificuldades a serem transpostas foram listadas. Um fator difícil e crucial era o peso da baleia morta, que mesmo parcialmente descarnada, quase a metade, ainda estaria pesando por volta de duas ou três toneladas. A cabeça e o dorso que estavam intactos representariam a maior parte do peso.

LISTA DE DESAFIOS A VENCER:

- ✓ Como remover a baleia da beira d'água para o alto da duna?
- ✓ Como que dezoito homens com toda força não puderam sequer movê-la no plano?
- ✓ Como evitar que a baleia se desmontasse, por já estar parcialmente descarnada?
- ✓ Qual embarcação transportaria as pessoas e o material até a ilha?
- ✓ Quantos metros de tela de nylon seriam necessários para envolver a baleia?
- ✓ Quem compraria a tela de nylon?
- ✓ Como seria feita a costura da tela de nylon para ensacar a carcaça?
- ✓ Quantas pessoas poderiam ajudar? (Não poderíamos contratar mão-de-obra.)
- ✓ Como as pessoas e o material seriam transportados até o porto dos pescadores?
- ✓ Quantas pranchas de madeira compensada seriam necessárias?
- ✓ Quem compraria as pranchas de madeira compensada?
- ✓ Quando iniciariamos a operação e quanto concluiríamos a faina?

As soluções foram sendo encontradas:

- ✓ A verba para comprar a tela de nylon não poderia ser da Marinha, então ficou por conta de a AQUA-RIO custear tanto o a tela como os insumos para costurar o saco.
- ✓ O nosso barco Mergulhão da AQUA-RIO faria o transporte de pessoal e material.
- ✓ Ficaria por conta da AQUA-RIO adquirir as pranchas de madeira compensada.
- ✓ O barco Mergulhão da AQUA-RIO seria empregado no sistema “vai-e-vem”.

Esse sistema vai-e-vem é produzido com um ponto fixo no alto da duna onde uma roldana é instalada. Prende-se a extremidade funcional de um cabo naval na popa da embarcação e passa-se a extremidade de serviço pela roldana, indo até um cabresto atado na baleia. Ao deslocar a embarcação para longe da praia, o cabo naval é tracionado puxando a baleia para o alto da duna. No entanto, não era possível se ter certeza de que esse mecanismo funcionaria, considerando não conhecermos a exata força de tração da embarcação em relação ao peso e área de atrito da baleia com a areia em plano ascendente. Para reduzir o atrito, sugerimos pavimentar a areia com pranchas de madeira compensada untadas com graxa, facilitando o conjunto deslizar.

Demais insumos que a AQUA-RIO deveria prover incluíam:

- ✓ Cabos navais para fazer as amarras e cabresto
- ✓ Cabos navais para fazer a tração
- ✓ Combustível da embarcação Mergulhão
- ✓ Combustível para a camionete FIAT 147 da AQUA-RIO
- ✓ Câmera fotográfica
- ✓ Agasalhos
- ✓ Lanches e água potável
- ✓ Soro fisiológico para lavar os olhos
- ✓ Linha de costura para os 25m X 20 m de tela de nylon
- ✓ Caíque com dois remos para desembarque na ilha
- ✓ Facões, facas, tesoura, agulhas
- ✓ Estojo de primeiros socorros
- ✓ Graxa
- ✓ Machado, enxadas, pás
- ✓ Toras de madeira roliça
- ✓ Pessoal da equipe AQUA-RIO para cumprir as tarefas simultâneas, como operar a embarcação, alavancar o deslocamento da carga sobre as pranchas de madeira compensada, untar as pranchas com graxa, remover acúmulo de areia que formasse durante o deslocamento ascendente, dentre outras atividades.

O tenente Israel (biólogo) consultou a tabela de marés para o dia seguinte. A lua estaria quase cheia, o que significava que a maré alcançaria 0,8 m na escala e que a baixa-mar seria às 6h56.

RANDAL FONSECA

Estávamos a correr contra o tempo. Era necessário comprar a tela de nylon ainda naquela tarde. Combinamos que deveríamos suspender ferros às 5h30.

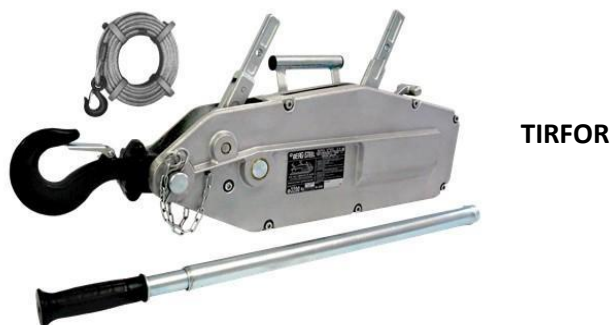
O tenente Israel não iria conosco na faina, mas obteve autorização para que tivéssemos a ajuda de um marinheiro que estava cumprindo pena de detenção. A equipe da AQUA-RIO ficou composta por mim (Randal Fonseca – diretor da AQUA-RIO), Marco Antônio (mergulhador) e Leonora Fritzsche (fotógrafa). Comendo o conjunto de abnegados o Sr. Paulo Hargreaves ofereceu seus préstimos. Éramos poucos, mas a determinação de enterrar a carcaça da orca era absoluta. Como tudo que é difícil pode sempre piorar, naquela noite faltou energia elétrica em Arraial do Cabo, complicando a tarefa de reunir o material e inclusive de obter combustível para a embarcação e para a camionete FIAT 147 da AQUA-RIO, uma vez que as bombas elétricas do único posto de abastecimento pararam de funcionar e o sistema manual estava inoperante há muito tempo. Às 22h30 estávamos com todo o material necessário pronto para embarcar. O transporte para o porto seria feito com a camionete FIAT 147 da AQUA-RIO.

Na manhã seguinte, dia 12 de setembro de 1981, às 5h15 estávamos estacionados diante do portão de acesso ao Porto de Pescadores do Arraial do Cabo. Às 6h30 a embarcação Mergulhão, da AQUA-RIO, zarpou rumo a ilha. O vento de intensidade moderada soprava do quadrante Leste. A travessia foi tranquila, sem ondulações. Ao chegarmos na enseada da praia da Ilha de Cabo Frio, ferramos o Mergulhão próximo ao local onde estava a baleia. A maré estava no ponto mais baixo. Desembarcamos toda a carga no caíque da AQUA-RIO. Juntamos todo o material na areia, distante do mar, e fizemos uma avaliação inicial da situação. A carcaça estava em pleno processo de decomposição. O cheiro fortíssimo exalado da carne apodrecida era sentido até mesmo a sota-vento. Uma imensa quantidade de urubus e gaivotas compunham um cenário triste e macabro. O dia tinha amanhecido claro, sem nuvens, indicando que teríamos calor pela frente. Praticamente sem vento, o cheiro de podre entranhava as narinas de forma sufocante. Uma quantidade incomensurável de moscas invadia tudo e pousavam em todos nós, aumentando o mal-estar. A despeito de todas as adversidades tínhamos que continuar. Precisávamos preparar o material para levar duna-acima o que restava da carcaça. O que antes fora a imponente Orca, agora era um rebotalho coberto de moscas e areia. Precisaríamos envolver os despojos com cordas para que não desmanchasse quando tracionados a um ponto alto o suficiente e longe das marés cheias. Usamos um cabo de polipropileno da AQUA-RIO para dar laçadas firmes, atando postes de bambu para funcionarem como talas de imobilização a fim de estabilizar toda a coluna vertebral. Na região da cabeça, por cima da narina, passamos o cabresto. Cavamos a areia para passar o cabo naval ao redor do conjunto para concluir as laçadas.

Tínhamos ainda dúvida de que conseguiríamos tracionar aquele peso duna acima usando um sistema vai-e-vem tracionado pelo motor do nosso barco. As roldanas que o tenente Israel conseguira estavam projetadas para uma carga máxima de 200 Kg. Ou seja, estavam subdimensionadas para suportar a tração que seria aplicada ao conjunto. Para reduzir o peso, tentamos descarnar mais algumas partes da carcaça, mas foi uma tentativa em vão e horripilante. Ao se aplicar os cortes os músculos e fâscias pareciam ferver com a liberação de gases da putrefação. Estava enxarcada de água do mar e infestada de moscas que invadiam nossos olhos, narinas, cabelos e por dentro das camisas. Simplesmente indescritível. As lâminas dos facões perdiam o fio logo no primeiro corte. Para proteger olhos, nariz e boca decidimos usar as máscaras de mergulho e para respirar usamos os sistemas de ar comprimido. Nada disso surtiu efeito. Como havíamos previsto, a temperatura do ar aumentou com o sol levando todos à exaustão. Teríamos que encontrar outro meio de realizar a tarefa de enterrar a baleia. Foi então

RANDAL FONSECA

que o Marco Antônio sugeriu que usássemos um tirfor (figura abaixo), pois com esse tipo de aparelho, disse ele em tom de brincadeira, poderíamos até mudar a ilha de lugar. A Marinha tem tirfor, lembrou o marinheiro que estava a cumprir pena de detenção. Ele disse ter visto um tirfor há pouco tempo quando levaram uma lona pesada para alto do Farol da Ilha.



Por radiocomunicação, a partir da casa dos vigias da estação de maremotriz, solicitamos à sede do Projeto na Praia dos Anjos que enviassem o dito tirfor para a praia da Ilha. Algum tempo depois avistamos a baleeira do projeto da Marinha navegando pela baía do cabo. Poderia ser que o tenente Benetti estivesse vindo nesta embarcação, pois ele já havia transferido o serviço e estaria livre na parte da tarde para ajudar na faina. Estávamos corretos em nossas suposições. O tenente Benetti veio, trouxe o tirfor e um lanche e refrigerantes. O sol estava realmente muito forte. O tenente Benetti não poderia ficar exposto a radiação solar porque seus lábios estavam gravemente queimados desde o dia em que descarnamos a baleia. Expor aquelas lesões ao sol intenso seria insano. Devido a aproximação para fazer os cortes que deveriam diminuir o peso da carcaça, o Paulo Hargreaves (SUDEPE) vomitou por três vezes o que, em associação com a sudorese intensa provocada pelo calor, contribuía para desidratá-lo.

O cheiro dos gases que exalavam da carcaça em decomposição acentuada eram realmente de desmaiar. Assim, achamos melhor que Paulo Hargreaves e o tenente Daniel Benetti aproveitassem a baleeira da Marinha para retornar ao Arraial do Cabo. E assim foi, seguiram os dois de volta ao portinho do Arraial. Ficamos eu, o Marco Antônio, Leonora Fritzsche e o marinheiro que estava a cumprir pena de detenção, que também enjoou diante do miasma e foi procurar um lugar para deitar e recuperar o fôlego. Resolvemos fazer um lanche rápido com os sanduíches e refrigerantes. Após um intervalo de 30 minutos retomamos a operação iniciando pela preparação do tirfor. A maré já estava cheia, havia alcançado o nível mais alto para aquela fase da lua. O que restava do corpo da baleia fora alcançado totalmente pelo mar e se movia a cada ondulação que quebrava contra a carcaça. Este era um sinal alvissareiro. Se as ondas moviam a baleia o tirfor também seria capaz de tracionar a carcaça até que voltasse a ficar fora do alcance da água. Com as pás e a enxada abrimos uma vala de cada lado da baleia para encher de água e fazer aquela massa de carne podre flutuar. Cada vez que a onda quebrava a areia de granulometria grossa emulsionava e logo fechava a vala aplainando a praia, mas paradoxalmente, isso facilitava o trabalho de cavar e novamente deixar a água entrar por debaixo da baleia. Na medida em que tracionávamos íamos posicionando as pranchas de madeira compensada untadas com graxa à frente do caminho traçado para a carcaça subir a duna. Centímetro por centímetro o tirfor ia cumprindo seu trabalho e pouco a pouco, nesse compasso lento e penoso, fizemos a

RANDAL FONSECA

cabeça girar para inverter a posição da cauda. Isso representou um grande progresso. Tínhamos encontrado uma forma de mover o cetáceo. É importante lembrar que dezoito homens juntos não conseguiram mover a orca nem um milímetro, e agora dois homens e uma mulher fotógrafa operando um tirfor lograram mover e afastar a orca cerca de doze metros para longe do mar. Entusiasmados, percebemos ser possível, mesmo naquele passo lento, completar o resto do percurso. A baleia seria enterrada, foi isso que concluímos, mas na pior das hipóteses, havíamos conseguido afastá-la das ondas. Com a força de tração do tirfor aquelas laçadas de cabos ao redor da carcaça espremiam a carne putrefata despejando das entranhas um fluido grosso, quase gelatinoso, com inacreditável catíngua pestilenta que ao cair na areia branca corria para o mar, tingindo o caminho que traçava de um vermelho escuro fedegoso.

Eram 15h00, o que ainda nos dava tempo suficiente para continuar o trabalho. Ao chegarmos com a baleia ao pé da duna, tivemos que abrir uma trilha retirando a vegetação rasteira para poder avançar. O tirfor que tínhamos era dimensionado para cargas de até 1.500 kg e estávamos puxando um defunto muito mais pesado, talvez o dobro. Com a ajuda das alavancas improvisadas com as toras de bambu, dávamos pequenos trancos para, a cada solavanco, sincronizar a tração do tirfor e redirecionar o trajeto. O ponto fixo onde ancoramos o tirfor estava suportando toda a carga aplicada. Com a atenção voltada totalmente a obter avanços minuciosos e contínuos, nem nos demos conta de que a noite chegara, trazendo enxames de mosquitos a substituir as moscas. Eram mosquitos incolores, invisíveis. Estando sem camisa e sudados tornamo-nos um perfeito banquete para aqueles sanguessugas. Enfim demo-nos por vencidos para aquele longo dia e refletimos que teríamos muito mais rendimento se, em vez de um tirfor pudéssemos ter dois, e de preferência que o segundo tivesse maior capacidade de deslocamento de carga, pois iríamos ter que vencer o aclive da duna. Outra constatação foi em relação às pranchas de madeira compensada. Elas precisariam ser mais largas. Então, se com um único tirfor tínhamos avançado cerca de 30 metros, com dois e com pranchas mais largas conseguiríamos fazer a carcaça subir a duna até um local seguro, longe das marés altas. Recolhemos todo o material e deixamos com o vigia da sede do Projeto Maremotriz da Marinha. A próxima faina seria então na terça-feira dia 14 de setembro, segunda-feira. Esse intervalo daria também tempo para conseguir o outro tirfor. Uma sugestão bem acertada foi de recorrermos a Companhia Nacional de Álcalis. Indicaram-nos o nome de um engenheiro responsável pela gerência de materiais. Uma semana passou sem que fôssemos até a praia da Ilha de Cabo Frio.

QUARTO TEMPO: OUTRO TIRFOR

Na segunda-feira, dia 14 de setembro de 1981, saímos cedo para procurar um engenheiro da Companhia Nacional de Álcalis com quem tínhamos amizade devido às atividades de mergulho. Julgamos que não seria difícil obter outro tirfor com a ajuda dele. Estávamos certo. O engenheiro rapidamente se prontificou a contactar o responsável do setor de materiais. O superintendente do setor de manutenção concedeu a autorização de imediato. Às 9h30 chegamos à sede do Projeto de Pesquisa da Marinha na Praia dos Anjos com o outro tirfor em mãos. Reunimos a equipe que trabalharia naquele dia, que incluiu novamente o Sr. Paulo Hargreaves da SUDEPE. O tenente Israel informou que já não seria possível contar com a ajuda do marinho que cumpria pena. No total seríamos seis a dar continuidade ao enterro da carcaça. Compramos mais algumas pranchas de madeira compensada para aumentar o berço sobre a areia por onde faríamos a baleia deslizar duna acima. Colocamos todo o material na caçamba da camionete Fiat 147 da AQUA-RIO, e levamos tudo para o porto de pesca de Arraial do Cabo. Transferimos a carga para embarcação de mergulho da AQUA-RIO e rumamos para a praia da Ilha de Cabo Frio, onde

retomaríamos a faina. Fizemos a travessia até ilha navegando com vento moderado soprando de quadrante Leste. Na ilha, atracamos o Mergulhão o mais próximo possível da praia e ao descarregarmos o material recebemos algumas rajadas mais fortes de vento que chegava a incomodar. A embarcação ficou ferrada próxima da área de trabalho. Ferramentas como pás, enxadas pedaços de madeira de diversas dimensões e formas, cabos navais de diferentes cores e diâmetros, caixas de isopor com alimento e água e maletas com equipamento fotográfico e de filmagem compunham um cenário grotesco. O Sr. Paulo Hargreaves (SUDEPE) trouxe uma câmara de filmar Super 8 mm, a mesma com a qual, no primeiro dia, havíamos documentado cenas com a baleia ainda viva.

A carcaça estava no mesmo local, porém parcialmente soterrada com a areia lançada pelas rajadas de vento. A areia ficou aderida à carne com sangue coagulado, formando uma pasta com aspecto de ferrugem. O cheiro intenso, insuportável, continuava a ferir a sufocar. A cada lufada de vento a areia era movimentada ao longo da praia, cobrindo a nós e aos materiais. Tínhamos que manter os objetos menores organizados para que não desaparecessem soterrados pela areia. Todos agora estavam a usar óculos de sol para proteger da luz intensa refletida na areia muito branca e bloquear as lufadas arenosas que açoítavam intermitentemente os olhos.

O segundo tirfor foi engatado no ponto fixado no alto da duna. Cavamos ao redor da carcaça para colocar as chapas de madeira compensada por debaixo do corpo putrefato. Era assim mesmo, um estado avançado de decomposição que transformava corpo, ao colapsar o tecido e a liquefazer os órgãos. As bactérias digeriam as proteínas excretando o metano, cadaverina e putrescina numa perfeita e indescritível gosma maligna. Nacos de carne podre envolvidos em areia caíam com aparência de cortiça ressecada.

QUINTO MOMENTO: REFLEXÕES E EMOÇÕES

Quando engatamos os ganchos de tração nas alças do cabresto, percebemos que agora além dos três dentes arrancados no final de semana prolongado de Sete de Setembro, estavam faltando mais quatro dentes, totalizando sete dentes retirados da mandíbula da orca. Voltamos a refletir para tentar justificar como mais quatro dentes desapareceram. Se ninguém mais havia aproximado da carcaça, como isso era possível? Perplexos com o mistério imaginávamos que os dentes da orca iriam provavelmente surgir como um enfeite brega em forma de bracelete ou colar. Reiteradamente o vigia do Projeto de Pesquisa da Marinha afirmava que ninguém mais havia se aproximado da baleia. Um enigma, uma incompreensão. Mistério de fácil entendimento.

A nossa justificativa para estarmos envolvidos naquela faina bizarra, respeitando uma carcaça fétida de baleia, era salvar a ossada completa para enviar ao museu que a Marinha se propusera protagonizar em Arraial do Cabo. Era um impulso altruísta que implicava em abnegação para materializar o sentimento vivenciado no período, desde o encalhe até a morte por afogamento. Era para dar provas de humanitarismo, com desapego material, para sensibilizar pessoas a estarem preparadas para ajudar a salvar baleias que viessem a encalhar. Manter o esqueleto da orca no museu da Marinha era para nós mergulhadores uma forma de doar nossos esforços para que todas as pessoas que viessem a visitar o museu homenageassem todos os trabalhadores do mar, como navegadores, pescadores, pesquisadores, biólogos e militares da Marinha, sem esquecer nunca os mergulhadores. Era um legado para as futuras gerações. Era um registro do empenho e do zelo testemunhado por aqueles que participaram das operações e, que naqueles dias, compartilharam emoções difíceis de verbalizar. As fotos das ações e o filme das interações seriam parte deste legado, pois perpetuaram momentos de raro contexto. As pessoas no futuro

RANDAL FONSECA

poderiam ter uma visão que arremeteria ao registro da primeira orca avistada (que se tinha notícia) na região do Cabo Frio. Estivemos com aquele mamífero de enormes proporções nos minutos finais de sua vida. Testemunhamos a agonia e sentimos a impotência e incapacidade de ajudá-la a se livrar do encalhe. Então, por outro lado, não dava para entender como alguém (e foi mais de uma pessoa) poderia ter tido o ímpeto de arrancar os dentes da orca para eventualmente fazer penduricalhos ornamentais ridículos ou para simplesmente colecioná-los dentro de uma caixinha de badulaques jecas a serem esquecidos. Qual o objetivo? Não percebíamos o porquê. Esse foi um ato de agressão pura, desfechado por indivíduos sem a mínima noção de valores imateriais.

SEXTO TEMPO: ENTERRAMOS A ORCA

Iniciamos a operação de tracionar cada tirfor, fazendo com que a carcaça deslizesse sobre as chapas de madeira compensada untadas com graxa. Agora com bastante rapidez avançamos cerca de 10 metros em direção à duna. Houve real racionalização dos esforços. Com as alavancas de bambu aplicávamos pequenos solavancos nas laterais da carcaça e, com isso, redirecionávamos o trajeto a ser cumprido rumo ao alto da duna. Projetamos onde deveria ser cavada a cova. Sabíamos que uma duna pode mudar de lugar ao sabor do vento. Então teríamos que considerar essa possibilidade e buscar um local protegido do vento e com trama de raízes de vegetação rasteira que dá fixação à areia. Com essas premissas em mente escolhemos o local e procuramos o ponto de fixação adequado a ancorar o tirfor.

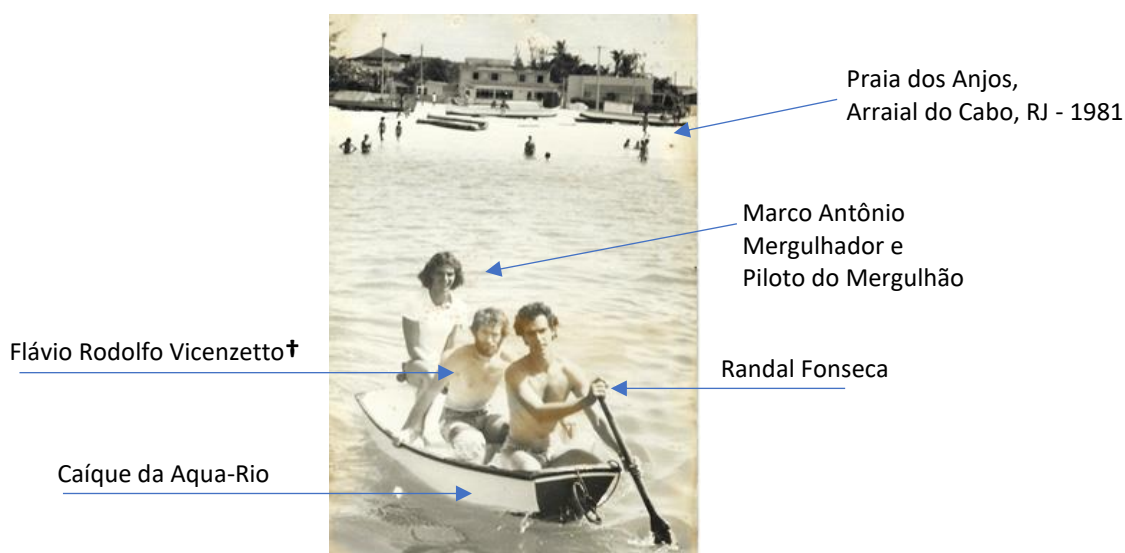
Identificamos onde fixar o tirfor objetivando cumprir a primeira parte do trajeto até o pé da duna. Depois teríamos que mudar a ancoragem de posição para escalar a etapa da trajetória que passaria por cima de outra duna, fazendo então uma curva para chegar até a cova que estávamos a cavar. A tela de nylon verde resistente foi colocada de forma a cobrir toda a extensão da cova, deixando uma aba para o lado de fora, que depois seria dobrada por cima envolvendo toda a carcaça. A costura seria aplicada para produzir um saco, com permeabilidade para a ação dos microrganismos que completariam a limpeza dos ossos.

O buraco foi cavado com sete metros de comprimento por 1,50 m de profundidade e 1,20 m de largura. A base da tela de nylon deitada no fundo do buraco foi costurada nas extremidades para formar uma fronha. Tracionamos a carcaça até ser lançada no buraco onde foi então ensacada na tela de nylon e costurada no sentido longitudinal. O pacote ficou totalmente selado, impedindo que qualquer ossinho fosse perdido, como as falanges e ossos pequeninos do sistema auditivo. O tempo estimado era de sete a vinte meses para que os ossos ficassem completamente livres de tecidos moles e com a higidez necessária para serem transportados e remontados sobre um pedestal para exibição pública. O tenente Israel estava coordenando a construção da sala do museu que receberia o esqueleto da orca.

Lançamos areia sobre a carcaça ensacada e misturamos raízes encontradas no local para dar consistência à cobertura de areia. A seguir começamos a recolher todo o material espalhado na praia. Neste momento o vento apertou subitamente, com uma força anormal. Fomos surpreendidos com as placas de madeira compensada literalmente levantando voo, içadas da areia pela força incomum do vento. O arremesso das placas que literalmente voaram para a outra extremidade da praia nos alertou para o risco de sermos atingidos por algum material catapultado pelo vento que, como aquelas chapas de compensado, poderiam causar lesões graves.

SÉTIMO TEMPO: VENTOS ESCALA BEAUFORT 12

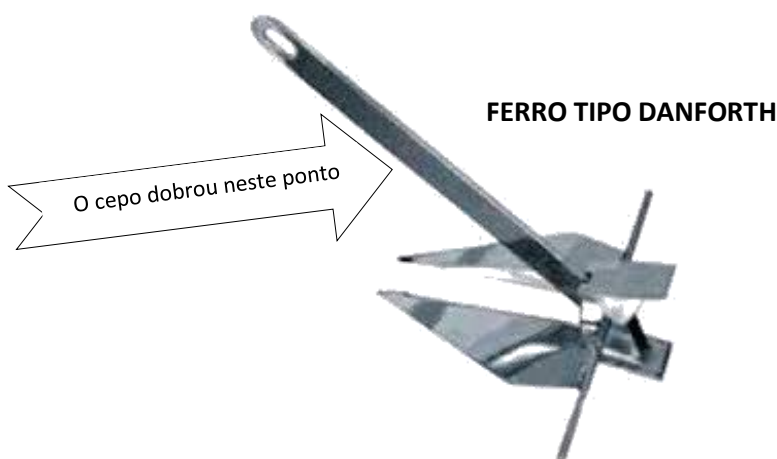
A força do vento ficou assustadora. A embarcação atracada perto da praia estava adernando e caturrando como um cabrito preso pelas narinas. Uma noite escura sombreou toda a praia. Para embarcar o material teríamos que utilizar o caíque à remo. As ondulações na praia cresceram ameaçando a segurança do embarque, visto que o caíque carregado era suscetível a virar e jogar tudo dentro do mar. Calculamos quanto material poderia ser embarcado por vez e quantas vezes seriam necessárias de ir e vir até a praia para que tudo fosse levado ao Mergulhão. Seriam necessárias várias viagens entre a praia e o Mergulhão. Cada ida-e-vinda era exaustiva e perigosa. Decidimos então colocar todo o material pesado em um canto da praia e deixar lá para irmos recolher no dia seguinte. Entramos no caíque eu e Marco Antônio, cada um com um remo e com remadas vigorosas tentamos alcançar o Mergulhão, levando junto apenas itens leves, como alimento, água, camisas e óculos. A distância até o Mergulhão não era maior do que 150 metros que em condições de ventos normais não levaria mais do que 2 a 3 minutos para cobrir. No entanto foram necessários mais de 20 minutos para atravessar a zona de arrebentação. Ao final da primeira travessia o Marco Antônio ficou a bordo do Mergulhão para ligar a máquina e lançar outro ferro, por medida de segurança. A ventania aumentou ainda mais. Impressionante.



Eu teria que retornar à praia com o caíque para trazer a bordo o tenente Israel. Embora fosse um oficial da Marinha, ele não tinha experiência alguma com este tipo de embarque. Na realidade é possível afirmar que nem eu e nem o Marco Antônio tínhamos enfrentado um embarque sob condições de vento e ondulações tão inóspitas. Soubemos depois que a força do vento naquele momento havia alcançado a intensidade de 60 Nós, ou seja, 108 Km/h. Ao retornar à praia uma onda emborcou o caíque. Levei então o caíque para praia puxando por uma amarra. Convenci os demais a nadarem até o Mergulhão. Tudo na praia, inclusive o caíque, ficou sob a guarda do vigia do Projeto da Marinha. Como se não bastasse a ventania, a temperatura do ar caiu drasticamente. Com o fator de resfriamento do vento, sem agasalhos apropriados e molhados, a solução era nadar e chegar logo ao barco para se proteger. A fase da lua era cheia, mas até aquele momento ainda não havia a luz da lua. O tenente Israel não tinha habilidade para nadar. Ficou parado na praia. Então tentamos lançar um cabo atado a uma boia de arremesso para puxá-lo e

RANDAL FONSECA

trazê-lo a bordo, mas a cada lance não conseguíamos que a boia chegasse ao tenente Israel, pois a ventania desviava a direção. Com a escuridão o tenente Israel não conseguia enxergar a boia arremessada. Não havia como comunicar, pois por mais que gritássemos o barulho do vento assobiando através dos galhos das árvores, e da areia que voava, tapávamos o som nas gargantas. Então, entrei na água e nadando levei a boia de arremesso até o tenente Israel, que era o último na praia. No percurso de volta para o barco eu nadei puxando a boia em que ele segurava e, chegando ao barco, auxiliei o tenente a subir para o convés. Com as ondulações e vento fortes, sem prática não é nada simples equilibrar no convés de uma embarcação com disposição endiabrada de dar solavancos. Percebemos que a força do vento era de tal forma intensa que mesmo estando com o motor do Mergulhão colocado em marcha avante, com toda a força, a embarcação não mexia um palmo e o cabo do ferro estava estendido como corda de violão afinado. Mantivemos o motor do barco com força total para navegar e com isso aliviar a tensão do cabo sobre o ferro danforth, felizmente bem agarrado a areia. Distribuímos cobertores e roupas secas para ajudar a aquecer a equipe. Dividimos os sanduiches que restavam e biscoitos. Tentamos em vão mudar o barco para uma posição mais abrigada, mas não conseguíamos nem sequer recolher as amarras do ferro. Para se ter uma ideia da força do vento, o cepo da danforth de 20 Kg entortou (Figura abaixo).



Conferimos se havia combustível suficiente no tanque para manter a máquina avante por muito tempo, se fosse necessário. Mantivemos as luzes acesas e combinamos fazer turnos para monitorar a resistência das amarras no cunho de vante, como também a situação geral relativamente à possibilidade de encalhar. A meia noite, a lua cheia apareceu por detrás da ilha e iluminou toda a baía de Arraial do Cabo. Como por encanto, imediatamente a intensidade do vento reduziu substancialmente. A maré estava cheia. Apenas rajadas leves e constantes substituíram a tormenta de Escala Beaufort 12.

Suspendemos às 01h30 do dia 15 de setembro e rumamos em paz para a Praia dos Anjos.

OITAVO TEMPO: O RESCALDO

Ao amanhecer daquele dia 15 de setembro, navegamos de volta à ilha para recolher o material deixado sob custódia do vigia. O vento havia parado totalmente, como uma verdadeira calmaria. O céu estava sem nuvens e o sol voltou a aquecer como se fosse verão. Atracamos diante da praia da ilha, desembarcamos e recolhemos todo o material como planejado. Subimos a duna para verificar como havia ficado a sepultura da baleia e constatamos que a nadadeira dorsal, envolvida na tela de nylon verde estava com uma parte para fora da areia. Concordamos em não mexer,

RANDAL FONSECA

porque o tecido da nadadeira dorsal é gordura e cartilagem que desapareceria naturalmente com os demais tecidos moles. Em seguida, navegamos de volta a Arraial do Cabo e fomos caminhando até a sede do Projeto de Pesquisa da Marinha para solicitar que ajudassem a desembarcar os materiais que havíamos recolhido na ilha e que ainda estavam a bordo do Mergulhão. Negativo. Não conseguimos ajuda diante do argumento de já terem encerrado o expediente e por isso não havia pessoal para operar a viatura. Levamos então a nossa camionete Fiat 147 até a Praia dos Anjos e transferimos a carga, entregando tudo às 20h30 ao funcionário do Projeto que fica no plantão após o horário de expediente. Na manhã do dia 16 de setembro, recebi de um amigo um recorte do Jornal do Brasil em que se podia ler o que segue no círculo da cópia abaixo.

Google news [] Arquivo de pesquisa [] Pesquisar na Web [] Ajuda da Pesquisa de Arquivo Google

Jornal do Brasil - 15 set. 1981 Procurar este jornal » Navegue por todos os jornais »

CURSO DE CARDIOLOGIA DA PUC-RJ
Estão abertas as inscrições para os cursos de aperfeiçoamento, especialização e mestrado. Procurar Dona Lídia no Instituto Estadual de Cardiologia Aloysio de Castro.

PUC INSTITUTO DE ADMINISTRAÇÃO E GERÊNCIA
CURSOS REGULARES: INÍCIO 28/9/81

FINANÇAS	
GERÊNCIA FINANCEIRA I	60 hs
GERÊNCIA FINANCEIRA II	60 hs
PLANEJAMENTO E CONTROLE ORÇAMENTÁRIO	30 hs
MATEMÁTICA FINANCEIRA E ANÁLISE DE INVESTIMENTOS	36 hs
MARKETING	
GERÊNCIA DE MARKETING	60 hs
GERÊNCIA E TÉCNICAS DE VENDAS	40 hs
SISTEMAS	
SISTEMAS DE INFORMAÇÕES GERENCIAIS	40 hs
ORGANIZAÇÃO E MÉTODOS	60 hs
RECURSOS HUMANOS	
CHEFIA E LIDERANÇA	40 hs
GENÉRICOS	
ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS (BÁSICO)	40 hs
ADMINISTRAÇÃO DE MATERIAIS	40 hs
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES	

Tels.: 274-6658, 274-5649 e 274-9522 R/250
IAG/PUC - Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea

Ossada de orca vai para museu
Cabo Frio — Uma equipe de funcionários do Projeto Cabo Frio, do Instituto de Pesquisas da Marinha, iniciou ontem na Ilha do Cabo, em Arraial do Cabo, a tração da ossada de orca de cinco toneladas que morreu ao encalhar na praia no início do mês, para enterrá-la e deixar que os micro-organismos se encarreguem de limpar os ossos que serão destinados ao Museu Oceanográfico, a ser montado, no município.
A equipe comandada pelo Tenente Israel Castelo Branco, fez uma cova um pouco mais acima da praia e está utilizando um tifer — mecanismo de tração à base de roldanas e correntes — para remover o esqueleto da beirada da arrebentação. Ainda há pedaços de carne junto a ossada à qual foram atados postes de madeira para que não seja danificada durante a remoção. O trabalho, realizado em meio a forte mau cheiro, deverá estar concluído hoje.

PRÉ-ESTÁCIO

- ADMINISTRAÇÃO
- ARQUEOLOGIA
- COMUNICAÇÃO SOCIAL
- DIREITO
- ECONOMIA
- LETRAS
- MATEMÁTICA
- MUSEOLOGIA
- PEDAGOGIA
- TELECOMUNICAÇÕES
- TÉCNICAS DIGITAIS

NONO TEMPO: CARTADA FINAL

Mais ou menos às 19h30 do dia 16 de setembro de 1981, o tenente Israel Castelo Branco visitou-nos na nossa residência em Arraial do Cabo, na Rua Abraham Lincoln 131. Ele trajava uniforme completo e tinha a sua arma militar ajustada ao imponente cinturão. O tenente Israel já era íntimo, tínhamos passado por algumas condições de estresse e de alegria que unem as pessoas. O tenente Israel aproximou-se pela porta traseira da residência que dá acesso a cozinha onde estávamos fazendo um lanche. Ele sacou da pistola e a colocou sobre a nossa mesa de jantar. Ele iniciou a fala em tom balbuciante que nos fez aumentar a atenção em relação àquela visita que, embora não estivéssemos a aguardar, não causava espanto, pois o considerávamos naturalmente integrado ao grupo, depois de tudo que vivenciamos na luta inglória para enterrarmos a Orca e sobreviver às intempéries. Com a voz trêmula ele pronunciou as primeiras palavras: “Desculpe-me. Eu **NÃO SOU** marinheiro de combate, mas neste momento eu **ESTOU** marinheiro sob comando de um Almirante, e venho aqui a cumprir ordens superiores”. E então, o Tenente Israel Castelo Branco continuou: “sei que vocês já leram a notícia do JORNAL DO BRASIL do dia 15 de setembro (recorte acima), e espero que possam compreender que não deverão desdizer o texto que foi publicado.” Para bons compreendedores que éramos, entendemos a

RANDAL FONSECA

mensagem militar e nada dissemos. O tenente Israel foi embora. Nunca mais o vimos. Soubemos que possivelmente ele teria sido transferido para Natal, no estado do Rio Grande do Norte.

DÉCIMO TEMPO: O FURTO DO FILME SUPER 8mm

O Sr. Paulo Hargreaves, funcionário da SUDEPE, como relatei, havia levado uma câmera de filmar Super 8 mm com a qual produzimos várias imagens sensacionais de todas as operações, desde o primeiro dia, com a baleia orca ainda viva vomitando na beira do mar, quando a deixamos no início da noite, e até o enterro da carcaça no alto da duna no dia 14 de setembro. Os filmes utilizados na câmera eram meus. Então tínhamos um produto em conjunto: a câmera era do Hargreaves e os filmes que utilizamos (Super 8mm) eram meus.

Eu enviei os filmes para serem revelados no Panamá, pois no Brasil em 1981 não havia esse tipo de serviço. Paguei pela revelação ao posto de serviço da Kodak e, depois de 15 dias os filmes revelados chegaram. Então eu assisti e utilizando minha Moviola editei as imagens e sonorizei o conjunto final. Sinceramente, todos os que tiveram oportunidade de assistir ao filme que resultou a edição e sonorização tiveram os olhos marejados e algumas pessoas soluçaram. Não houve quem não vertesse lágrimas. Reconheço que tive muita sorte ao sonorizar o filme com a música que **Neil Leslie Diamond** criou para o filme Fernão Capelo Gaivota (Be (introduction of Jonathan + Dear father). Eu cheguei a dizer (em tom de troça) que **Neil Diamond** compôs aquelas músicas para a Orca. Acreditem, era de tirar o fôlego e soluçar.

Um certo dia, talvez 15 dias depois de o filme estar editado, sonorizado e aplaudido por quem teve a chance de assistir, eu soube pelo meu sócio (já falecido) Flávio Vicenzetto que o Sr. Paulo Hargreaves esteve na nossa casa e entrou na nossa sala de edição, onde ficava também o acervo fotográfico, e (sem cerimônia) levou com ele o filme da Baleia Orca que eu havia finalizado. Soubemos depois, no entanto, sem que tenha sido confirmado, que o Hargreaves havia levado o filme para o Japão onde ele teria ido cursar uma pós-graduação em Engenharia de Pesca.

Eu encontrei o Paulo Hargreaves no Rio de Janeiro, em 1992, durante a ECO RIO-92. Nesta ocasião o Paulo Hargreaves prometeu que ainda estava com o filme e não confirmou ter levado o filme com ele para o Japão. Essa explicação suscitou desconfianças e perguntas ficaram sem respostas.

PERGUNTAS SEM RESPOSTAS

1. Será que Hargreaves estava cumprindo ordem superior da Marinha para sumir com o filme?
2. Seria possível que Hargreaves tivesse furtado o filme em benefício próprio?

1983 O DESENTERRO DA OSSADA

A presunção de que a ossada pudesse estar limpa pela ação de microrganismos em seis a sete meses foi rebatida pelos técnicos do Museu Nacional. Eles explicaram que “areia de praia” não é favorável à decomposição, pelo contrário, devido a salinidade o tecido mole demoraria muito mais tempo para ser deteriorado. Então, passado pouco menos de dois anos o Museu da Marinha em Arraial do Cabo estava pronto. A AQUA-RIO colaborou com a iniciativa e fez a doação da montagem de alguns aquários marinhos que compunham a fachada do prédio.

O trauma de termos sido preteridos pelas autoridades da Marinha, que nos impediram de ter nosso nome associado ao que efetivamente tínhamos realizado, como descrito, havia sido sublimado, deixado no passado, ficando latente nosso óbvio desapontamento e o desalento.

Em maio de 1983, ou seja, pouco mais de um ano e meio do enterro o tenente Daniel Benetti informou que a baleia deveria ser exumada para ser levada ao museu. Evidentemente que antes de ir para exposição deveria passar por um tratamento com substâncias que higienizasse os ossos, e por um trabalho meticuloso de montagem do esqueleto. O tenente Benetti marcou a data para o desenterro e comunicou que seriam os pescadores nativos de Arraial do Cabo a assumir a operação, visto que eles, pescadores, é que sabiam onde exatamente a orca estava enterrada. Essa comunicação soou estranha, pois no dia em que enterramos a carcaça da orca não havia nenhum pescador nativo na praia da Ilha de Cabo Frio.

No dia agendado, comparecemos a Praia dos Anjos para embarcarmos. Neste dia, além de mim, estava a Leonora Fritzsche (fotógrafa da Aqua-Rio) e Cláudisson Vaconcellos (que ingressara como sócio da Aqua-Rio em 1982). No embarque, encontramos com um grande grupo de pescadores nativos convidados pelo tenente Benetti. Navegamos através da enseada e chegamos à Ilha de Cabo Frio. No destino, o tenente Benetti reiterou que seriam apenas os nativos que desenterrariam a ossada. Dirigiu-se a nós da Aqua-Rio enfatizando que precisaríamos nos afastar e ficar a aguardar sem dar opinião alguma. Ficou evidente o tipo de “circo” que havia sido armado. Ou seja, já que nós da Aqua-Rio havíamos sido proibidos de sequer mencionar nossa participação no salvamento da carcaça, não poderíamos, portanto, saber onde a dita carcaça estaria enterrada, e para isso chamaram os pescadores nativos a fim de compor um espetáculo mambembe. É válido relembrar que os nativos (pescadores) de Arraial do Cabo nunca tinham visto um cetáceo odontoceti e ficaram impressionados com os dentes da orca, aludindo que aquele animal seria uma “encarnação do demônio”. Desde o primeiro momento os nativos se afastaram da praia da Ilha de Cabo Frio onde a baleia encalhou. Os nativos ficaram sempre longe dali. Portanto, como não participaram em nenhuma faina, como podiam então saber onde a carcaça da baleia estava enterrada. Podiam, no entanto, ter ouvido o que toda gente comentava e, poderiam saber o que havia sido publicado no **Jornal do Brasil** e no **O Globo**. Também, sabiam e testemunharam o prédio que a Marinha preparou para estabelecer o Museu Oceanográfico, na praça central de Arraial do Cabo. Portanto, quando o tenente Daniel Benetti convidou os pescadores nativos para desenterrar a carcaça, é possível supor que aquele grupo tinha certeza de que encontraria a ossada com relativa facilidade, afinal a praia da ilha é pequena e todos em Arraial do Cabo, inclusive vários turistas, tiveram oportunidade de testemunhar a baleia morta na praia, circundada por uma aberrante quantidade urubus e gaivotas esvoaçantes.

“ENTÃO, SÃO OS NATIVOS QUE SABEM” (Sic!)

O grupo de nativos pescadores contava com mais de dez voluntários. Eles trouxeram pás e enxadas, e logo ao desembarcar iniciaram uma escavação frenética na área em que havia, há cerca de ano e meio, avistado de longe a baleia deitada na areia. Portanto, acreditaram que cavando toda aquela área de praia conseguiriam encontrar alguma pista da ossada. No entanto, aquela escavação algures e turbulenta não resultava. Várias horas foram gastas com os nativos a remover imensa quantidade de areia branca para um lado e para outro. Eu, Leonora e Cláudisson seguimos à risca a instrução de não nos intrometermos e a aguardarmos que os nativos localizassem e desenterrassem a orca. Obedientes às ordens do tenente Benetti, sentamo-nos no alto da duna afastada da praia, de onde podíamos amplamente vislumbrar aquela faina insólita, que a título de ilustrar, deu à praia uma aparência de ter sido bombardeada por canhões, assemelhando as preparações para desembarque de tropas. A intensa labuta daqueles nativos desarmonizou por completo a paisagem praiana. Do alto da duna, em silêncio, podíamos admirar o desatino. Quando já estávamos no meado da tarde os nativos se deram por exaustos e

convencidos de que lá, naquela praia, não havia baleia alguma enterrada. Eles tinham toda razão em manifestar essa conclusão. Pois não havia mesmo. A baleia havia sido enterrada por nós no alto da duna e não na área plana da praia. No entanto, a certeza expressada pelos nativos de que lá não havia baleia alguma enterrada foi aceita pelo tenente Daniel Benetti. Um dos nativos assumiu como porta-voz e em tom de comício concluiu que “se lá houvesse sido enterrada a carcaça as marés altas e baixas ao longo daqueles dezoito meses já teria levado tudo embora”. O arauto asseverou que os ossos da orca deveriam estar agora enfiados na areia no fundo do mar. O tenente Benetti conferindo o horário decidiu concordar com o “núncio” e dar a faina por terminada, ordenando que os homens reunissem os apetrechos e se preparassem para retornar ao Arraial do Cabo. Em assim fizeram. Os pescadores nativos apuraram-se em arrumar os materiais e, deixando a areia da antes idílica praia plana, agora com aspecto de ter sido movida por um brando terremoto, sentaram-se todos nos montículos e lá aguardaram a chegada da embarcação para transladá-los ao Arraial do Cabo.

A REVELAÇÃO

Foi então, diante dos pescadores descansados, que eu me aproximei do tenente Benetti e perguntei se ele realmente queria levar a ossada para o museu ou, se todo aquele movimento teria sido apenas uma forma de dar um fim clássico ao episódio da orca. É lícito reiterar que o tenente Daniel Benetti não havia estado conosco na praia durante a operação do enterro e, portanto, não havia maneira de ele saber onde tínhamos cavado a cova. O tenente argumentou que os nativos estavam corretos em relação a ter sido a ossada carregada pelas marés. Também, sugeriu que a areia branca daquela praia estaria no mínimo escurecida em algum ponto pela ação da decomposição da carne. E, não havendo nenhum indício de ossos ou marcas na areia, ele dava por encerrada a operação. Na continuidade eu reafirme saber onde estava enterrada a ossada. Ressaltei termos seguido à risca a ordem recebida de não interferir na faina. E ainda revelei que durante todo o dia eu, Leonora e Cláudisson estivéramos pacientemente quietos, sentados exatamente sobre o local, no alto da duna, onde estava a orca enterrada. Eu pedi então que o tenente Benetti viesse comigo até o alto da duna e passando a mão na areia, remexendo a vegetação rasteira, mostrei logo abaixo da fina camada de areia a tela de nylon verde muito bem-conservada. Ainda somente com as mãos cavei mais um pouco expondo mais e mais da tela. Grande parte do volume da carcaça logo ficou exposto. O tenente Benetti pediu então que ficássemos calados. Pediu que ficássemos lá sentados até que todos os nativos e seus materiais de escavação fossem embarcados. Pediu que nós organizássemos uma operação para voltar lá em outra data a fim de resgatar a ossada.

E foi isso que fizemos.

A RECUPERAÇÃO DA CARCAÇA

Deixamos passar duas semanas e então retornamos à ilha de Cabo Frio com nossos recursos para desenterrar e levar para o Arraial do Cabo o pacote formado pela tela de nylon verde que envolvia a orca de forma cuidadosa. A grande surpresa foi constatar que a carcaça estava preservada. A areia da praia, como dissera o técnico do Museu Nacional, não é um ambiente favorável a decomposição de matéria orgânica. Impressionante! Ainda havia sangue vermelho escuro ressecado e gosmento entremeando nacos de carne que pareciam trapos de limpar chão de chiqueiro. O fedor nauseabundo estava ainda mais intenso. A nossa sina por ter decidido salvar a ossada da orca continuava a assombrar nosso olfato após quase dois anos com aquele cheiro para o qual até hoje ninguém grafou um termo que pudesse expressar a fedentina nauseabunda.

RANDAL FONSECA

Durante esse tempo em que a baleia esteve lá enterrada, o cheiro de baleia podre ficara impregnado em tudo que havia sido utilizado nos esforços para levar a carcaça ao alto da duna. Chapas de compensado, cabos navais, cabo da enxada, cabos das pás etc. tudo estava impregnado com a indescritível fragrância, pior do que o odor da tioacetona. Nossa garagem no fundo da casa da Rua Abraham Lincoln, 131, em Arraial do Cabo, ficou impraticável. Até nossos vizinhos ao lado, em frente e atrás reclamavam daquele odor. Inesquecível. Inesquecível.

Desenterramos o saco de nylon verde com a carcaça e trasladamos no convés da nossa embarcação até a Praia dos Anjos em Arraial do Cabo, onde fizemos a entrega definitiva ao pessoal da Marinha.

A base do Projeto Paulo Moreira da Silva, na Praia dos Anjos operava sobre as antigas instalações da Armação de Baleia Taiyo. A infraestrutura foi favorável para concluir a preparação do esqueleto da orca. No local ainda existiam as antigas rampas de descarnar e beneficiar baleias.

Daquele dia em diante o trabalho de limpar a ossada e remontar o esqueleto para posicionar sobre os pedestais no museu correu tudo por conta da Marinha. Quando o esqueleto finalmente foi colocado para exibição, a Leonora Fritzsche doou ao Projeto uma coletânea de imagens em branco e preto que ela mesmo havia fotografado, revelado e emoldurado para contar o passo a passo daquela empreitada. Os quadros com as fotos foram dispostos estrategicamente nas paredes ao redor do pedestal que suportava o esqueleto. Uma história e tanto.

IMPLANTE DENTÁRIO

O dentista meu amigo, Dr. Cícero Jinsaburo Minei (falecido), tomou o molde dos dentes para repor aqueles arrancados por malfeitores, e os reproduziu em acrílico, tendo, na época, o implante sido feito quando a baleia foi levada para o Museu da Marinha (1983). Os implantes de acrílico ainda lá estão na arcada e ficaram de tal forma perfeitos que somente expertos podem diferenciá-los dos originais da baleia.

MISSÃO CUMPRIDA

O Museu Oceanográfico da Marinha começou a funcionar em 1982. Este museu teve sua origem na proposta (de Randal Fonseca) de expor ao público o esqueleto da Orca com seis metros de comprimento que havia morrido na Ilha do Cabo Frio em 1981. O objetivo foi alcançado, apesar dos entraves descritos, mas logrado pelos mergulhadores da Aqua-Rio.

Endereço do museu: Praça Daniel Barreto s/nº - Praia dos Anjos - Arraial do Cabo/RJ.

GALHOFAS

Um certo dia no ano de 1984, recebi na minha loja AQUA-RIO, na Rua da Gamboa, Cabo Frio, a visita de um cliente que se identificou apenas como “Tenente da Marinha”, que estava a trabalhar no Projeto Almirante Paulo Moreira da Silva, em Arraial do Cabo. Não nos disse seu nome. Esse tenente retirou do bolso da calça um par de dentes de Orca, e ofereceu-me para comprá-los por uma módica quantia, visto que eram de marfim. Lembrei então do misterioso desaparecimento dos quatro dentes que ninguém dizia como e quando haviam sido surrupiados. Um enigma que permanecera por mais de três anos estava agora desvelado. Liguei na mesma hora ao tenente Daniel Benetti e relatei o que estava acontecendo. O prezado tenente “tira-dentes-de-orca” postado diante de mim, foi solicitado a comparecer ao gabinete do tenente Daniel Benetti em Arraial do Cabo. Não sabemos qual foi o desfecho, mas é possível supor que o tenente tira-dentes-de-orca, assim como o tenente Israel (biólogo), tenha sido transferido para Natal, RN.



FENÔMENOS NA HISTÓRIA

Em 1985 fui trabalhar em Fernando de Noronha onde permaneci até 1997. Em 2007, participando de um passeio com um grupo de motociclistas fui visitar o *museu Oceanográfico da Marinha* em Arraial do Cabo. Constatei que o histórico fotográfico da faina indômita, passo a passo, doado pela Leonora Fritzsche e disposto ao redor do esqueleto, havia fenomenalmente desaparecido.

NARRATIVA INCONVENIENTE

Um suboficial da Marinha que recepcionava o público do Museu naquele ano de 2007, contou que “ninguém sabia dizer de onde viera aquela orca”, disse ele. Entretanto, contradizendo o nobre recepcionista, em um canto da parede próximo ao esqueleto, estavam lá uma meia dúzia de pequenas fotos em cores que o tenente Daniel Benetti fizera no dia do encalhe, com uma câmara xereta.

Para o Museu da Marinha o esqueleto da orca permanece sendo um mistério. **SÉRIO MESMO ...!**



GLOSSÁRIO

CABRESTO. Correia ou laçada com corda que tem uma extremidade armada especialmente para se firmar na cabeça do animal e que serve para amarrá-lo, direcioná-lo ou dirigi-lo.

ODONTOCETOS (*Odontoceti*, Flower, 1867) constituem uma subordem de cetáceos caracterizada por possuir dentes, ao contrário das baleias e espécies semelhantes (misticetos) que possuem formações quitinosas denominadas barbas, com função filtrante.

PINÍPEDE (*Pinipedeae*) constituem uma superfamília de mamíferos aquáticos, que inclui focas (Phocidae), leões-marinhos e lobos-marinhos (Otaridae) e morsas (Odobenidae). Os pinípedes passaram por adaptações anatômicas e fisiológicas ao longo do processo evolutivo, como locomoção aquática, fisiologia do mergulho, fisiologia sensorial, termorregulação, e a lactação.

TATUÍ. *Emerita brasiliensis* (Schmitt, 1935), com os nomes comuns de tatuí ou tatuíra, é uma espécie de crustáceo decápode anomuro da família dos hipídeos que habita praias arenosas, fazendo escavações na areia. Dificilmente ultrapassam os quatro centímetros de comprimento, mas é possível chegar até sete centímetros, com carapaça castanho-amarelada. Habitam escavando a areia na zona de arrebentação onde vivem a pouca profundidade, mantendo visível apenas as antenas filtradoras de plâncton. Os tatuís indicam a qualidade ambiental de uma praia.

AGRADECIMENTOS

Especiais agradecimentos:

Leonora Fritzsche, minha sócia na Aqua-Rio, pelas fotos que possibilitaram ilustrar o relatório

Cláudisson Vasconcellos, meu sócio na Aqua-Rio, pela dedicação inestimável à equipe

Flávio Vicenzetto†, meu sócio na Aqua-Rio, já falecido, pelo apoio que sempre ofereceu

Arduino Colasanti†, meu sócio na Aqua-Rio, já falecido, pelos ensinamentos de mergulho e navegação que foram a base para minha dedicação incondicional à proteção da vida marinha

NOTA DE ESCLARECIMENTO

O ORIGINAL dos episódios descritos neste Relatório, relativamente ao encalhe, enterro, exumação e exposição da Orca no Museu Oceanográfico da Marinha em Arraial do Cabo foi redigido com uso de uma “Máquina de Escrever” no período entre setembro de 1981 e dezembro de 1983. Em 6 de maio de 2021, este presente Relatório foi digitalizado e complementado com as imagens oferecidas pela Leonora Fritzsche e obtidas dos jornais O Globo e Jornal do Brasil, por meio do Google, além da inclusão (sem ofensas) das “galhofadas e narrativas inconvenientes”.

"A experiência é um troféu composto por todas as armas que nos feriram"

Marcus Aurelius